

Antologia de Pedro Garrão

Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

(Des)construção

Vida

Derrubada

T

Nazarena

Instant Lover

Eu, o Rei e Nosotros en media luna

She took a ride

\\"Porque você é pó, e ao pó voltarás\\" Gn 3:19

(Des)construção

Acordou de repente de forma elétrica
Puxou sua perna como uma âncora
Um pedaço de carne de músculo
Menos que pessoa um número nítido
Hóspede do incômodo de seu corpo próprio
Idêntica à mãe na curta vida líquida
Teimou em viver de forma impávida
Foi cobrir-se de forma básica
Comeu seu prato como uma aborígene
Mastigou o resto de forma acústica
A cada íterim buscava ser íntegra
Como um corpo feito de essência mágica
Contava sua comida de forma mecânica
Sua fome não era uma síndrome
Mas sim uma dor eterna sôfrega
Sinônimo do que não era sólido
Sua vergonha diária era quase lúdica
Como intrépida lâmpada límpida e lúcida
Procurava viver um método com mérito
Sua vida era minúscula e míope
Quando andava pela metrópole lúgubre
Não seria o Alfa, sempre o Ômega
Enfim chamou triste seu marido alcoólatra
Preso à cama como um pobre ácaro
Com os outros era cômico, sempre com ela colérico
Parceiro da desgraça, coreógrafo da violência doméstica
Previa desde sempre o cântico da catástrofe
Olhou pra ela como uma víbora
Cuspiu na cara dela sua última abóbora
Procurou na cachaça a sua bússola
E para isso não precisou de um cálice
Era sempre a mesma técnica tóxica
Fazia do tráfico de vidas uma vida inválida

Era lógico viver suas ações maléficas
Lúcifer maníaco, maestro da violência, era sua música
Percebeu a crítica didática como um déspota ácido
Sonhava ser príncipe, mas nada além de um problemático sem propósito
Tornou-se próspero na química do ridículo

A dúvida da dívida foi efêmera, com ela foi doméstica e econômica
O vândalo fez sua vítima enfim sorver seu último gole de desamor, em primal uníssono
Não esperou muito para nela deixar cromática sua face anoréxica
Bêbado, bateu nela de outro ângulo
Golpeou certo com maior âmbito
Mas ela não perdeu seu ânimo elástico
A gramática da vida que conhecia com suas regras pleonásticas não era harmônica
Girou seu estático rosto cadavérico
Devolveu num átomo um áspero antídoto automático
Tomou fôlego para a fonética que era o fósforo de um fígado não mais flácido
Reagiu rápido de forma dinâmica e crítica
Buscou a faca afiada de forma ávida
Pintou de púrpura a parede de forma artística
E para isso não precisou ser acadêmica
Ficou estática, depois riu de forma esdrúxula
Buscou no índice de sua memória momento sem mácula
Estava livre enfim em sua minúscula câmara mortífera
Chamou a polícia de forma analógica
Gritou alto e seco de forma vívida
Era culpada mas tinha um alibi elétrico
Agora vista como uma pessoa célebre
Não era essa sua característica
Era de si mesma seu fatal arquétipo
Cercada de estranhos como um hostil arquipélago
Fechando-a em num pequeno círculo
Gelou porque entendia aquele código
Tal como um soco estúpido no estômago
Balbuciou uma fábula fantástica, tal como um raro fenômeno físico
Tonta de pânico, via o quádruplo público pois não tinha óculos
O trágico tráfico fez do trânsito trôpego a úlcera que levou sua chance última

Subiu na árvore como um pássaro nômade
Gosto de rúcula na boca, rompeu um relâmpago rápido no sábado romântico
Emitiu uma sílaba de agonia como final sátira simpática
Sua última lágrima caiu como uma pétala
Virou a página em pânico patético, num pântano de quilômetros
Seu breve corpo era um poético pêndulo
O espírito popular via um espetáculo esplêndido de forma tétrica
Tal ilusão óptica não se repetiria de forma ótima
Como uma sonâmbula da vida, pássaro tímido, morreu de forma súbita
Sua morte bárbara foi um bálsamo enérgico
Passaram um telégrafo típico com um título fúnebre com a tônica costumeira de forma úmida.

Vida

Vida vida morte viva
Para os que desistem e não sentem
Nem o Sol nem a Lua
Somente um mar verde-chumbo
Frio pesado espumoso

Derrubada

A mata verde-vivo despertou
Assustada que foi por alguém
Barulho perto com cheiro de bebum
Um som nunca sentido antes ali
O índio então assustado acordou
Sozinho na mata fechada, aliás
Cheiro de madeira nova quebrada aqui
Caiu exibindo seus anéis para ninguém
O verde-fechado cedeu ao aberto celeste azul
Caiu o ipê, caiu o sapoti
Assustados ficaram javali e jacaré
Sumiram jabuti e tamanduá
Sabiá e uruçuí voaram também
Em sonoro escarcéu
Viu-se logo o que viria atrás
Ostentando seus naturais troféus
Em breve, todas abatidas no coração
Pelos machados afiados caíam como dominós
Muitas choravam seiva carmim
Ouviam-se calorosos e cruéis parabéns
Saudavam-se com seus chapéus em altos decibéis
No afã da conquista covarde da mata secular
Toda a boa colheita reunida no armazém
Pilhas e montes do novo marfim
E o restante num fulguroso fogaréu
Admirado por todos com prazeroso desdém
E tudo isso foi por uns vinténs
Ouviu-se no alto a ira do condor
Silêncio no resto da mata refém
Mas a página em breve virou
E a desgraça ficou
E a nuvem passou
E o tempo fluiu

E a noite cobriu
E a água do céu chorou
E o bicho correu
E a fonte da terra secou
e a Vida morreu.

T

Depois das aulas foi pra casa no automóvel
O banco de trás era confortável
Deu uma carona de modo afável
Para colega muito saudável
O chofer era amigável e não diria pro responsável
Sua inexperiência era insustentável
Era seu presente ônus
Sua imaginação era fértil
Avaliou tudo como muito possível
Percebeu que não era frágil
Qualquer resistência seria inútil
A recusa intolerável
Seu desejo revelado por sua íris
Retirou seu pulôver
O volume do órgão era visível
Com a rigidez de um fóssil
Nem pensou no látex
Atingiu o alvo como um míssil
Seria sua anônima Vênus
Sua mão delicadamente indelével
Esperou o carro entrar no túnel
Lentamente puxou o zíper
A resistência não foi difícil
Usou todo o seu sentido tátil
Foi muito hábil
Foi tudo muito fácil
Ficou imóvel
Percorreu-lhe pela espinha um tônus
Sentiu a pressão sobre seu fêmur
Seu abdômen enrijeceu
Beijou seu tórax
Sua boca era útil
Era muito ágil

Deixou passar como uma ponte pênsil
A seiva era visível
Via um lúmem
Era um enxame de elétrons
Atingiu o clímax dúplex no córtex
Sentiu -se no Éter
Essência ejetada toda dúctil
Sugou todo o numeroso pólen
Tremeu como tivesse beribéri
Lambuzou-se com o derramado néctar
O amor era visível
O tecido era lavável
Ali era seu Éden
Foi tudo muito incrível
No final foi muito amável
Anotou seu telefone com um lápis
Pretendia ligação como um hífen
Tal como verdadeiro cônsul
Para o carona, chamou um táxi.

Nazarena

Minha mãe era Maria
O meu pai era João
Mulher de muita valentia
Homem de rara decisão
E não sei bem ao certo
Porque fui tamanha decepção
Nasci pequeninho
Quase um anão
Era aquele corpinho
Cabia na palma da mão
Na escola era ruim
Não aprendi a lição
Num dia eu vi um anjo
Algo queria me dizer
Nunca seria um marmanjo
Nem adiantava ir benzer
Mas antes tinha um serviço
Que eu tinha que fazer
Fui menino-moço num instante
Na casa das moças bonitas
Não recusei aquele rompante
Ela ainda era senhorita
O nome dela era Maria
O meu nome é João
Minha filha nasceu tardia
Do tamanho de um botão
Foi o que o anjo me disse:
Nasceria uma menina
De Maria e João
Traria a alegria
Para o povo do sertão
Curaria os doentes, multiplicaria o pão
Mas teria vida curta

Fruto da nossa incompreensão
Dito e feito aconteceu
Perdi minha menina
Ganhei minha santinha
Vi chorar o povaréu
Cumpriu sua triste sina
Foi cuidar da gente
Lá do céu

Instant Lover

I don't know when
I don't know how
You could return and
Put me down
I never thought
That it wasn't enough
That this day would come
After the losing fame
And you still would be the ever fucking whore
But nothing could be the same anymore
After so many years
Despite these tears
'Cause nowadays I know
That I don't want to hear
But I really need to know
My love is my fear
They will never grow
Now you look for me
Just to say hello dear
And what to say?
This time at least by phone
It's easier this way for me
That you are just coming home
Which home?
Unfortunately, is it better to stay alone
I lie
And what is it for?
Because of all my daily sadness is about you
So, I will say to you, maybe, for the last time,
Good night my sweet darling, with all my ever instant love.

Eu, o Rei e Nosotros en media luna

Aonde você vai agora
Já não basta o que me falou
Sobre onde ficou
Com quem transou
Parece mesmo que vai embora
Depois de todas as vezes que me Amou

Nada além, um vintém
É o que você vale
Acha que sou ninguém
Quer que me cale

É o que nós não somos
Nada além de um e outro
E muitos outros nosotros
Não existe o que fomos

Não se pode dizer
Que nós tentamos
O lance todo era em Fazer
Nunca realmente acreditamos

Pode deixar
Também não vou te ligar
Não vou te procurar
Mas vou chorar

Só queria mesmo ver
O que você vai fazer
Quando vier o Querer
E não mais me ver

Pode mesmo ir

Não quis te ferir
Só um breve sentir
E ver o que viria vir

Não mais quero
Qualquer esforço
Nenhum embaraço
Nenhum soluço

Mas tivemos nosso apogeu
Chegamos a ir ao céu
O plebeu e o Rei em seu véu
E você gemeu

Hoje à noite vou estar lá
Não sei mais o que dizer
Só sei que vai querer Fazer
Então, boralá

A porta bateu com força
Derrubou a pouca louça
Quebrou a alça da peça
E o Rei chorou a beça
Com desejo de Possuir, molhou a calça
Descendo devagar as escadas na bossa da sua fossa
De toda a situação, acabou fazendo troça

Na saída já não estava mais com seu véu, já não era mais o Rei no céu, somente outro simples plebeu na rua, como outros tantos de nosotros en media luna.

She took a ride

Babe, wake up babe,
Do you know where are you now?
Or do you know how?
Babe, look at me babe,
Do you know why are you here?
Or where did you come from?
But babe, listen babe,
I should tell you're in safe hands
Babe, pretty babe
Let your hair down
Try to enjoy the fresh wind
That blows from this blue sky
Just put your head on my shoulders
And forget your last bad choices
'Cause you'll receive here your sunny crown
I hope you could finally find
All you need to know and why
Who will show you are the others elders
Later, of course, from yours, you'll receive some news
While you listen some your favorite blues.
But babe, I say babe,
You can't say it was alright
It was within sight
But now you've again your own beautiful sunlight dress
Here it's your brand new life
So, don't stress babe
And choose yourself your own fate
You were blind and didn't notice
When you used the knife in the wrong way,
And you ended up slashing your wrists
At that moment you didn't give it any importance
Fuck it all, I want dance!
That's what you used to say.

But it was that moment of insanity that brought you here to stay.

Babe, wake up babe,

Do you know where are you now?

Or do you know how?

Babe, look at me babe,

Do you know why are you here?

Or where did you come from?

But babe, listen babe,

I should tell you're in safe hands

Oh yeah!, in safe hands,

In safe hands

"Porque você é pó, e ao pó voltarás" Gn 3:19

Acordei aflito, gritando
Meu ar sumiu, ofegando
Cama molhada, suada
Ansiedade, palpitação
Tento tomar pé da situação
Olho rápido o despertador
Ainda são cinco da manhã
A Lua orfã me olha do céu
Todos dormem ao redor
Ainda não é amanhã
A boca está sedenta, seca
Necessita ser molhada, embebida em bebida
Dou uma ágil olhada
Busco minha taça furreca
Quero a maldita e ardente água
Jogo minha cega tarrafa
Minha primeira dose, última overdose
Mas traz vazia a já bebida garrafa
Indelicada e costumeira nódoa
Só a bebida já não basta
Quero mais, vadia nefasta
Busco em seguida o cíclico pó
Meu atroz amigo, bom como ele só
Bem guardado, escondido
Sepultado junto comigo
Ralo farelo, sedutor inimigo
Então exerça logo seu domínio
Maldito escárnio, faça da minha vontade seu latrocínio
Vida incontrolável, perturbada
Pensamentos poucos
Momentos loucos
Sentimentos vazios
Sentia calafrios

Só eu não via minha paulatina derrubada
Não fosse esse cruel vaticínio bíblico
Poderia ter alguma chance nessa vida
E não teria o meu fiel e sarcástico público
Que presencia e ri da minha caída
O fato é que sou mesmo é vagabundo
Sem vergonha nessa minha cara
Me entrego de corpo todo imundo
Com a minha melhor máscara
Hoje, meu último ácido pesadelo, finalmente
Deixarei de ser uma figura deprimente
Que a todos comovo piamente
Como um Nada, um Vazio de gente
Partirei para a total libertação
Rumo ao pó eterno, fruto de minha decisão
Aspirei fundo e tudo, até soterrar todo o pulmão
Tomei coragem, até perder a pouca ou quase nenhuma razão
Viajei tranquilo sem aflição, até me ver estendido imóvel caído no chão
Sim, fiz aquela tão advertida bobagem
Aquela temida viagem
É dessa vez não é miragem
Não estou de sacanagem
Fim do seu ato trágico, egocêntrico e obscuro maldito amigo palhaço
Te espera ansiosa uma cama dura e fria de puro aço
A lâmina afiada do legista fará todo o serviço
Para finalmente abrirem e descobrirem
A possível causa cerebral de tamanha desordem mental
Será sua última brilhante atuação, agora como peça imóvel no tão ansiado postmortem, disse o Capeta.
A platéia atenta acompanhava o drama presenciado
Ajudada pelos comentários sarcásticos do mestre de cerimônias
Sentia pelo trágico mas previsível destino inevitável do triste palhaço
Mas pouco a pouco se acalmava
Demonstrando certo alívio, certo cansaço.
A monólogo acabou dessa forma
O público aplaudiu de pé em êxtase
O palhaço se curvou em reverência

O público acenou já em despedida
Alguém chorou discretamente
A cortina lentamente foi fechando
O ator retornou brevemente para o palco da vida
O público restante pediu bis, elegantemente recusado
Flores póstumas recebeu e agradeceu
A luz lentamente se apagou
O público restante, mais próximo, se despediu
O teatro foi lacrado
O silêncio sepulcral dominou o pequeno ambiente
A escuridão abismal tudo cobriu e emudeceu
O vazio triunfou absoluto
Lá do fundo do teatro um riso de satisfação foi lançado para ninguém ouvir
Era puro júbilo e contentamento infantil
E a vida, do lado de cá, continuou.